

UMA HISTÓRIA ARREPIANTE NO SATÍRICON

Cláudio Aquati
UNESP - São José do Rio Preto

RESUMO: Na *Cena Trimalchionis* (LXI - LXII) Nicerote é a personagem que, com grande desembaraço, anima o banquete narrando uma "história de lobisomem", pretensamente verídica.

Nicerote, cauteloso em decorrência de um certo receio que tem dos scholastici - gente estudada - presentes na festa, manifesta uma atitude cuidadosa e precisa em sua narração, mas graças à sua habilidade assume um tom entre jocoso e irreverente. Com isso, a narração se dá num clima ludicidade humorística conscientemente elaborado pelo narrador e reforçado por uma convenção que estabelece com os ouvintes: a história terá um estatuto ("fingido") de veracidade e seriedade, com o qual todos se divertem.

A forma e o tom da narração, a criação do suspense e da malícia, o emprego das comparações, dos dados espaciais e temporais, o aproveitamento os recursos fônicos, tudo isso o Autor maneja com maestria para oferecer ao leitor uma personagem de vínculos profundos com a cultura popular: o contador de histórias.

61-1/2 Depois que todos se desejaram saúde de espírito e de corpo, Trimalquião voltou-se para Nicerote e disse:

– Você costumava ficar mais à vontade num banquete; sei lá o que você está escondendo ou o que está resmungando. Eu te peço – nesse caso você vai me ver satisfeito – conta um caso que te aconteceu.

3 Nicerote, encantado com a amabilidade do amigo, disse:

– Que tudo que eu tenho ganho me escape das mãos se já não faz muito tempo que eu não ando estourando de felicidade de te ver assim. **4** Então, que tudo seja só diversão, se bem que eu tenho medo, de que essa gente estudada se ria de mim. Só que eu vou contar; eles vão ver. Que me importa quem ri? É melhor o riso que o ridículo.

5 Tendo dito essas palavras, deu início a esta história:

6 – Quando eu ainda era escravo, morávamos numa rua estreita; hoje é a casa de Gavila. Lá, de acordo com a vontade dos deuses, cal de amores pela mulher de Terêncio, o estalajadeiro: vocês conheceram Melissa, a tarentina, belíssimo pedaço de mulher. **7** Mas por Hércules, não foi por seus dotes físicos ou porque pensei em fazer amor com ela, e sim por suas qualidades morais. **8** Se eu pedia qualquer coisa, dela, ela nunca me negava; ela ganhava um asse, meio asse eu tinha; eu o guardava com ela e nunca fui enganado. **9** O marido dela, que estava no campo, morreu. Então, fiz das tripas coração para encontrá-la; na verdade, como

dizem, os verdadeiros amigos aparecem nos momentos difíceis. **62-1** Por coincidência, meu patrão tinha ido a Cápua para resolver uma série de negócios. **2** Aproveitei a ocasião e convenci nosso hospedeiro a me acompanhar por cinco milhas. Ele, por sinal, era um soldado forte como o Orco. **3** A gente botou o pé na estrada era quase hora do galo cantar; a lua alumiaava como se fosse meio dia. **4** Paramos por entre alguns túmulos: o homem cismou de fazer as necessidades junto das lápides; eu, por meu lado, me sentei cantando e contei as lápides. **5** Então, quando me voltei para meu companheiro, ele se despiu e largou todas as suas roupas ao longo do caminho. Eu estava com o coração na boca; estava que nem morto. **6** Ele, por sua vez, mijou em volta das roupas e de repente virou lobo. Não vão vocês pensar que eu esteja brincando; nenhum dinheiro no mundo pagaria uma mentira como essa. **7** Mas – o que eu tinha começado a dizer – depois que virou lobo, ele se pôs a uivar e fugiu para a floresta. **8** No começo eu não sabia onde estava; depois, eu me aproximei para pegar as roupas dele: elas haviam virado pedra! Fora eu, alguém aqui já morreu de pavor? **9** Mesmo assim, eu puxei da espada e golpeei as sombras por todo o caminho até o sítio da minha amiga. **10** Entrei feito um fantasma, quase bati as botas, o suor me escapava pelas virilhas; os olhos, mortos; durante um tempo foi difícil me refazer. **11** A minha Melissa estranhou que eu estivesse caminhando tão tarde da noite e disse:

– Se você tivesse chegado antes, pelo menos daria uma mão pra gente; pois não é que um lobo invadiu o sítio, e os animais... ele sangrou todos feito um carnicheiro? Mas não deu certo pra ele, se bem que ele fugiu: um escravo nosso varou a garganta dele com uma lança. **12** Quando ouvi isso, arregalei os olhos a não mais poder, mas quando amanheceu, fugi para a casa de nosso Gaio como o estalajadeiro roubado, e depois voltei para aquele lugar em que as roupas tinham virado pedra: não encontrei nada, a não ser sangue. **13** E ainda por cima, quando cheguei em casa, o soldado estava estirado na cama feito um boi, e um médico cuidava da sua garganta. Compreendi que ele era um lobisomem. Depois disso, com ele eu não pude mais comer nem pão, nem que me matassem. **14** Os outros que pensem o que quiserem disso; se eu estou mentindo, que os Gênios de vocês me amaldiçoem.

63-1 Todos estavam atônitos de admiração e voltados para ele. Trimalquião disse:

– Que as tuas palavras sejam levadas a sério. Podem acreditar em mim: meus pêlos se arrepiaram, pois sei que Níceron não conta bobagens. **2** No fundo ele é sério e o menos brinçalhão possível."

Na Cena Trimalchionis, Nicerote (**Satfricon LXI-LXII**) é a personagem que representa o contador de histórias: com grande habilidade, anima o banquete narrando uma história de terror pretensamente verídica.

Com "*Itaque hilaria mera sint, etsi timeo istos scolasticos, ne me rideant (61-4)*" vai balizar todo o seu discurso na tentativa de manter sua narrativa com foros de veracidade. Essas palavras também chamam a atenção para o temor que tem a personagem em relação ao julgamento que os scolastici fariam da história contada por ela. É esse temor um dos motivos que levam Nicerote a ser tão cuidadosamente preciso em sua narração, e, por outro lado, é um dos motivos de

ele ter empreendido essa mesma narração com um tom dir-se-ia entre jocoso e cínico.

Mello (1985, p. 336) já apontara para "a insistência de Níceros em fazer com que todos acreditem que sua história de lobisomem seja verdadeira" como fonte de "ludicidade humorística".

Todavia, creio que a "ludicidade humorística" não se situe apenas aí, mas também e sobretudo numa espécie de convenção entre o contador e sua audiência: como se participasse de um jogo, Nicerote aceita o desafio (ou quase) proposto por Trimalquião, que é o de contar uma história com que animar o banquete (cf. **Paratore, 1933, vol. II, p. 231**). Para fugir ao escárnio dos scolastici, Nicerote o fará de tal modo que essa história terá um estatuto de veracidade, embora, já de antemão – "[...] *hilaria mera sint* [...] (61-4)" – os ouvintes saibam tratar-se de ficção: será, pois, um estatuto "fingido", com o qual todos se divertem.

Com o objetivo de manter o estatuto de veracidade para sua narração, a personagem lança mão de, a partir do léxico, informações objetivas e precisas.

Por um lado, Nicerote transporta para sua narrativa uma série de dados selecionados no universo referente dos libertos. Nessa operação, vai buscar em seu léxico alguns nomes próprios conhecidos:

- "*Cum adhuc seruirem, habitabamus in vico angusto; nunc Gaullae domus est.* (61-6)"
- "*Ibi, quomodo dii uolunt, amare coepi uxorem Terentii coponis: noueratis Melissam Tarentinam, pulcherrimum baccibalum.* (61-6)"
[A escolha, por parte do Autor, do nome Melissa – "do gr. *mélissa*: 'abelha', donde 'ativa, aplicada'" (**Guérios, 1981, s. u. Melissa**) – cria a sugestão de uma personagem cheia de atividade (como o deve ser uma estalajadeira), mas também carinhosa (ou "melosa" – "*Sed ego non mehercules corporaliter aut propter res uenerias curau* [...] (61-7)", bem como pequenina feito uma abelha (o que legitimaria a idéia de proteção como justificativa dos esforços de Nicerote em encontrá-la, uma vez que o momento era de dificuldade.)]
- "[...] *sed luce clara Gai nostri domum fugi* [...] (62-12)"

É preciso observar que esse processo, além de servir como recurso para ratificar a veracidade da história, acaba servindo indiretamente para marginalizar os scolastici, já que o nomes com que trabalha não fazem parte de seu universo referente, mas tão-somente do universo dos libertos: é basicamente o mesmo processo que os grupos sociais fechados empregam na criação de gírias. Com isso, Nicerote cria obstáculos ao julgamento que teme ser feito pelos scolastici.

Por outro lado, outros elementos do léxico sobressaem, desta vez como recurso para expressar precisão; são os dados temporais e espaciais, muito freqüentes:

- "*Cum adhuc seruirem, habitabamus in uico angusto; nunc Gaullae domus est.* (61-6)"
- "*Huius contubernalis ad uillam supremum diem obiit.* (61-9)"
- "*Forte dominus Capuae exierat* (62-1)"

"Nactus ego occasionem persuadeo hospitem nostrum ut mecum ad quintum miliarum ueniat. (62-2)"

"Apoculamus nos circa gallicinia; luna lucebat tanquam meridie. (62-3)"

"Venimus inter monimenta: homo meus coepit ad stelas facere (62-4)"

"omnia uestimenta secundum uiam posuit. (62-5)"

"donec ad uillam amicae meae peruenirem. (62-9)"

"Melissa mea mirari coepit, quod tam sero ambularem. (62- 11)"

"sed luce clara Gai nostri doum fugi (62-12)"

"Vt uero domum ueni, iacebat miles meus in lecto tanquam bouis. (62-13)"

Nicerote é um contador de histórias bastante habilidoso, sobretudo na busca do suspense.

Observe-se que a primeira parte da história não oferece nenhum dado acerca do verdadeiro assunto, o lobisomem. O contador apenas lida com dados circunstanciais da história; para não deixar que o interesse por ela se esvaia, salpica-lhe um pouco de malícia e desse modo mantém acesa a atenção do público, cujas características ele conhece bem.

Quando inicia a ação propriamente dita, vem à baila o procedimento (bastante recorrente, como veremos adiante) de justificar tudo que lhe ocorre: com o advérbio forte (62-1) salienta que fora mais uma vez a casualidade que presidira seus atos, não havendo, portanto, nenhum planejamento.

Todavia, a partir desse ponto a emoção evoluirá num crescendo até o clímax da história, muito bem demarcado. Nicerote, à medida que desenvolve sua narrativa e a direciona para o clímax, trabalha com o dado da precisão espacial: quanto mais se aproxima do clímax, mais precisa será a noção de espaço. O esquema abaixo permite uma melhor visualização do processo, que se inicia no parágrafo 62-1 e vai até 62-6:

**CAPVAE → AD QVINTVM MILLIARVM → VENIMVS INTER MONIMENTA →
AD STELAS → SECVNDVM VIA → CIRCVMINXIT VESTIMENTA SVA**

No momento da transformação – magistralmente elaborado – do miles em lobo, Nicerote emprega uma aliteração muito expressiva, *"subito lupus factus est (62-6)"*: a sibilante sugere que tudo se passa num átimo.

Coroando os recursos de que lança mão Nicerote para formar a ilusão de veracidade em sua narrativa, temos, logo após, o apelo direto que faz ao ouvinte:

"Nolite me iocari putare; ut mentiar, nullius patrimonium tanti facio. (62-6)"

Quando retoma a história – *"sed, quod coeperam dicere (62-7)"* – um de seus primeiros comentários faz contraste com o procedimento da busca de precisão:

"Ego primitius nesciebam ubi essem (62-8)"

É um contraste intencional, pois sabemos que, quando Nicerote está "vivendo" a história que posteriormente conta, ele permanece absolutamente atento a todos os detalhes, como mostram a própria precisão das informações (os locais, a hora) e o seu comportamento nervoso (cantando, contando as lápides [Paratore, 1933, vol. II, p. 216]), de quem percebe algo de errado e se põe à espreita:

"Venimus inter monimenta: homo meus coepit ad stellas facere; sedeo ego cantabundus et stelas numero. Deinde ut respexit ad comitem (62-4/5)"

Ao lado de tudo isso, o tom misto de jocosidade e cinismo com que Nicerote vaza sua narrativa contrasta com essa ilusão de veracidade: é uma outra importante característica do discurso de Nicerote.

Como que com um sorriso malicioso nos lábios, Nicerote sempre tem uma explicação, uma justificativa, uma desculpa para o que lhe acontece, seja a respeito de um sentimento, seja a respeito de atitudes que tomou.

Assim é que, logo de início, não foi por sua culpa, mas por iniciativa dos deuses, que travou contato com sua amante:

"Ibi, quomodo dii uolunt, amare coepi uxorem Terentii coponis. (61-6)"

O que o atraiu em Melissa não foi o sexo, mas as virtudes:

"Sed ego non mehercules corporaliter aut propter res uenerias curavi, sed magis quod benemoria fuit. (61-7)"

No entanto, pouco antes ao descrever a mulher para os ouvintes, empregara *bacciballum*, termo forte da gíria (Ernout e Meillet, 1985, s.u. *bacciballum*) em que vejo grande apelo ao recurso fônico: as duas bilabiais explosivas e sonoras se combinam com a vogal que apresenta o maior grau de abertura da cavidade bucal; some-se a isso a linguodental (geminada) e a bilabial da última sílaba. Os movimentos da boca e da língua na prolação dessa palavra lhe conferem um alto grau de sensualidade; a palavra, com essa formação, parece extremamente adequada a seu sentido. Em resumo: não é possível levar a sério um discurso assim constituído, sobretudo se pensarmos nas circunstâncias em que está sendo proferido, isto é, em meio a uma festa, num círculo só de homens (acresce que bêbados) de pouca cultura.

Sob a camuflagem "comercial" esconde as verdadeiras relações que manteve com Melissa, embora ambigualmente dê a entender de que tipo teriam sido essas relações, e o grau do sentimento envolvido:

"Si quid ab illa petii, nunquam mihi negatum: fecit assem, semissem habui; in illius sinum demandavi, nec unquam fefellit sum. (61-8)"

Enquanto vivia o marido, não ousou requestar a mulher; todavia, após o passamento deste, fez esforços ingentes para reencontrá-la. E esse reencontro não se deu por outro interesse que não a amizade; era preciso "consolá-la" da perda:

"Huius contubernalis ad uillam supremum diem obiit. Itaque per scutum per ocream egi agnau, quemadmodum ad illam peruenirem, nam ut, aiunt, in angustiis amici apparent. (61-9)"

Falamos da habilidade de Nicerote, e tudo o que foi comentado acerca do discurso dessa personagem o comprova, seja pela seleção dos dados objetivos e pela condução dos aspectos temporais e sobretudo espaciais, seja pela forma que encontra para manter vivo o interesse por sua história.

Segundo se pode entrever pelo comentário de Trimalquião,

"Solebas [...] suauius esse in conuictu [...]" (61-2)",

é provável que Nicerote fosse um "especialista" em contar histórias (diríamos "causos") nas festas ou rodas de amigos, o que lhe renderia ser sempre um centro de atenção.

Porém, existe ainda um dado importante a considerar: são as comparações, figuras relevantes no discurso de Nicerote.

Observe-se que as comparações, predominantes entre as demais figuras, só aparecem na segunda parte da narrativa, que corresponde ao trecho de maior ação.

É que Nicerote se socorre delas para caracterizar mais expressivamente sua história como sendo "de terror".

Assim é que, se examinarmos mais detidamente o conjunto de comparações, veremos que todas elas carregam um elemento que as relacione a "terror": em 62-5, o terror se expressa com *mortuus*; em 62-10, com *laruam*; *lanius* (62-11) se relaciona com o terror por meio do traço violento e sangüinário do lobisomem; em 62-3 com *"luna lucebat tanquam meridiem"* o terror parece sobrevir de uma inversão na ordem natural do mundo, e por isso sobrenatural; em copo *compilatus* esse traço resulta de uma personagem aterrorizada, numa outra história muito conhecida da audiência.

Para a caracterização do miles, Nicerote emprega duas comparações contrárias: *"tanquam Orcus (62-2)"* e *"tanquam bouis (62-13)"*. Em ambas temos a idéia de grande força física; porém, com *Orcus* temos essa idéia relacionada a um respeito (temeroso) proveniente do termo infernal; já com *bouis* transparece a noção de desprezo aliada à da força (depois, evidentemente, de revelado o segredo), noção oriunda da idéia acessória que o termo *bouis* carrega, animal de engorda criado para o abate. Essas comparações, por se situarem nas extremidades da narrativa, representam a transformação por que passa o miles, submetido por forças sobrenaturais (cf. Mello, 1985, p. 335).

Viu-se, portanto, que e como Nicerote, com desembaraço, dá conta de sua tarefa de restituir animação à festa, os recursos que emprega para tanto e as conseqüências de seu uso. A forma e o tom da narração, o apelo ao ouvinte, a criação do suspense, da emoção, da malícia, as comparações: tudo isso o Autor maneja com maestria, para oferecer ao leitor uma personagem de vínculos profundos com a cultura popular.

BIBLIOGRAFIA**Texto**

PETRÓNE. *Le Satiricon. Texte établi et traduit par Alfred Ernout.* 3. ed. Paris: Les Belles Lettres, 1950.

Tradução

AQUATI, Cláudio. *Cena Trimalchionis: Estudo e Tradução.* Dissertação de Mestrado apresentada à FFLCH-USP, São Paulo, 1991.

Referências

ERNOUT, Alfred et MEILLET, Antoine. *Dictionnaire etymologique de la langue latine.* 4. ed. Paris: C. Klincksieck, 1985.

GUÉRIOS, Rosário F. Mansur. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes.* São Paulo: Ave Maria, 1981.

MELLO, José Guimarães. *Humor romano: O Satiricon.* Tese de Doutorado apresentada à FFLCH-USP, São Paulo, 1985.

PARATORE, Ettore. *Il Satiricon di Petronio.* Firenze: Felice le Monnier, 1933.